



<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2024.1.46408>

SEÇÃO: TEMAS DE MARIOLOGIA

Mariologia jesuítica e a mulher tupinambá no período colonial: crítica ao poema à Virgem como ferramenta de controle de corpos

Jesuit Mariology and the Tupinambá woman in the colonial period: criticism of the poem to the Virgin as a tool for controlling bodies

La mariología jesuítica y la mujer tupinambá en el período colonial: crítica al poema a la Virgen como herramienta de control de los cuerpos

Perla Cabral Duarte

Doneda¹

orcid.org/0000-0002-3852-6927
perladoneda@uol.com.br

Recebido em: 12 jun. 2024.

Aprovado em: 16 set. 2024.

Publicado em: 17 dez. 2024.

Resumo: O presente artigo aborda quem eram as mulheres tupinambá e seus respectivos papéis, bem como quem era a Virgem de José de Anchieta, que dialoga com o mundo da aldeia sob a influência (literária e prática) da sua catequese. O nosso objetivo é mostrar ou responder quais foram as raízes deixadas pela catequese jesuítica, baseada na figura de Maria, sendo utilizada como uma ferramenta de controle social das mulheres tupinambá do século XVI. Sendo assim, este artigo não abordará as mulheres brancas, europeias, que aqui viviam. Neste "encontro" de culturas entre europeus e ameríndios, a categoria de análise é gênero, cujos pilares são: a mulher tupinambá, a Virgem e a catequese anchietana. Nesse processo, os povos tupis sofrem modificações na sua organização (rito e cultura), ou seja, o mundo das mulheres na aldeia passa por transformações profundas. A sociedade patriarcal ocidental cristã altera as relações entre homens e mulheres (questões de gênero), altera os costumes, os ritos e, conseqüentemente, os papéis sociais.

Palavras-chave: José de Anchieta; mulheres tupinambá; catequese; jesuíta; missão.

Abstract: This article addresses who the Tupinambá women were and their respective roles, as well as who the Virgin of José de Anchieta was, who dialogues with the world of the village under the influence (literary and practical) of her catechesis. Our objective is to show or answer the roots left by Jesuit catechesis, based on the figure of Mary, being used as a tool for social control of Tupinambá women in the 16th century. Therefore, this article will not address the white, European women who lived here. In this "meeting" of cultures between Europeans and Amerindians, the category of analysis is gender, whose pillars are: the Tupinambá woman, the Virgin and the Anchieta catechesis. In this process, the Tupi people undergo changes in their organization (rite and culture), that is, the world of women in the village undergoes profound transformations. Western Christian patriarchal society alters relationships between men and women (gender issues), alters customs, rites, and, consequently, social roles.

Keywords: José de Anchieta; Tupinambá women; catechesis; Jesuit; mission.

Resumen: Este artículo aborda quiénes fueron las mujeres tupinambá y sus respectivos roles, así como quién fue la Virgen de José de Anchieta, quien dialoga con el mundo del pueblo bajo la influencia (literaria y práctica) de su catequesis. Nuestro objetivo es mostrar o responder las raíces que dejó la catequesis jesuítica, basada en la figura de María, siendo utilizada como herramienta de control social de las mujeres tupinambá en el siglo XVI. Por lo tanto, este artículo no abordará a las mujeres blancas europeas que vivieron aquí. En este "encuentro" de culturas entre europeos y ameríndios, la categoría de análisis es el género, cuyos pilares son: la mujer tupinambá, la Virgen y la catequesis anchietana. En este proceso, el pueblo tupí sufre cambios en su organización (rito y cultura), es decir,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

el mundo de las mujeres del pueblo sufre profundas transformaciones. La sociedad patriarcal cristiana occidental altera las relaciones entre hombres y mujeres (cuestiones de género), altera las costumbres, los ritos y, en consecuencia, los roles sociales.

Palabras clave: José de Anchieta; mujeres tupinambá; catequeses; jesuita; misión.

Introdução

O presente artigo é resultado da pesquisa doutoral². Seu objetivo principal é mostrar a teologia empregada por José de Anchieta, aplicada na sua catequese. Seu método e sua abordagem teológica o consagrou como o primeiro mariólogo do Brasil (Boff, 2006, p. 228). Para desenvolver essa análise, o texto central foi o *Poema à Virgem*, que é considerado um tratado mariológico sobre a Mãe de Jesus. No entanto, para uma melhor análise da catequese anchietana, cartas e seus teatros foram analisados, todos em perspectiva de gênero³, buscando observar e destacar as diferenças nas relações entre os sexos que estavam presentes na sua literatura e na sua teologia marial, deixando visível as influências androcêntricas e o estilo hierárquico de ver o mundo, as pessoas e a religião cristã.

Nesse sentido, o presente artigo é um recorte de um longo caminho de pesquisa sobre a catequese marial de Anchieta (sobre a *Virgem*) e as mulheres indígenas tupinambá, proeminentes dos povos que configuravam a maior cultura nativa da costa brasileira⁴. Em geral, as pesquisas atuais se utilizam de categorias de análises contemporâneas. Entretanto, sabe-se perfeitamente que, ao utilizarmos categorias como gênero, raça, classe, machismo ou androcentrismo, não se quer afirmar que havia naquele contexto algum nível de consciência sobre esses conceitos analíticos/hermenêuticos. Contudo, são essas categorias de análises que nos ajudam a problematizar a sociedade atual, olhando para a religião, a política,

a moral ou a cultura que existia naquele tempo e, assim, elucidam o seu desenvolvimento/desdobramento ao longo da história. Desse modo, não há um anacronismo histórico, mas sim uma conduta analítica do comportamento humano ao longo dos séculos, sob uma categoria moderna, cujo objetivo é iluminar novas hermenêuticas libertadoras.

A mariologia anchietana na linguagem poética: a catequese no *Poema à Virgem*

O projeto de colonização da Coroa Portuguesa contou com o apoio, a organização e a evangelização cristã católica, sob os cuidados dos missionários jesuitas. Aqui, de forma mais específica, contou com a catequese de José de Anchieta explicitada em seus textos, especialmente, no poema escrito à *Virgem*. O pano de fundo que compunha sua missão era de cunho religioso-político-pedagógico, de características medievais, cujo método foi o controle dos corpos, que viviam sob a ameaça constante do medo do inferno, ou seja, gerar ou promover o medo era a maneira eficaz de se controlar as pessoas, especialmente as mulheres.

A literatura ou a linguagem poética e catequética de Anchieta teve esse pano de fundo; logo, ser homem ou mulher no século XVI implicava estar sob o jugo cristão da cultura europeia patriarcal, com base no medo⁵. Vale destacar que todas as fontes escritas e possíveis de serem acessadas nesse período foram narradas sob o olhar (cultura) europeu, masculino, cristão e patriarcal. Isso quer dizer que toda interpretação ou impressão percebida nesse "encontro" foi permeado pelos valores dos homens brancos. A superioridade sentida entre as culturas forjou valores vistos como primordiais (únicos) e insuperáveis, valo-

² O título da minha tese doutoral foi: *Em busca de Maria no Brasil Colonial: uma abordagem de gênero à mariologia de José de Anchieta e seus desafios no tempo presente*, defendida na UMESP.

³ "Gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as 'considerações sociais' – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado" (Scott, 1989, p. 7). "Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder" (Scott, 1989, p. 21).

⁴ Para quem nunca leu absolutamente nada sobre o assunto, indico Jecupé (2020), um texto simples, de fácil compreensão.

⁵ Para compreender a sociedade daquele período, sugiro a obra de Jean Delumeau (2009).

res esses afirmados pela religião cristã, desde a organização ou sistema hierárquico de poder, fosse na política, na religião, na família ou nas mais diversas relações de produção e reprodução entre homens e mulheres. Assim se (re)inicia o Brasil de 1500.

Nessa perspectiva, desobedecer ou não seguir o colonizador, bem como permanecer nos costumes nativos, significava estar no caminho errado (mal) da história, ou seja, se estaria praticando o pecado; conseqüentemente, o indivíduo iria para o inferno (cristão). Para evitar essa consequência, a decisão a ser tomada era: frequentar a catequese, receber os sacramentos do batismo e do matrimônio, cumprir as orações e os cantos diários, deixar os costumes bárbaros (antropofagia), confessar e viver dentro da moral cristã (sem poligamia). Para tais modos de vida, a Virgem foi um exemplo singular e único, conformando ou performando perfeitamente dentro desses objetivos, sobretudo, com relação aos corpos femininos⁶.

Para a importância desse papel, a Virgem é apresentada por Anchieta, nos seus mais de cinco mil versos e nas peças teatrais, como a única capaz de vencer o mal, ou seja, somente na Virgem deveriam confiar e expressar suas súplicas para se vencer os costumes e as práticas demoníacas. As práticas mais refutadas pelos missionários (nas cartas) foram, sem sombra de dúvidas, os ritos antropofágicos, cerimônia ministrada por mulheres, antes, durante e depois (duravam quatro dias ao todo), além do casamento poligâmico tupi, que consistia em se ter muitas mulheres (modo vivido até pelos colonos portugueses).

O esforço catequético foi grande para se vencer esses costumes; por isso, a poesia de Anchieta, além de catequética, é didática e pedagógica. "A simplicidade de seus poemas envolve, inclusive, o seu imaginismo, [...] na construção estética das

imagens. Mas não pense que a influência desses autores⁷ clássicos revela qualquer vinculação ao Renascimento" (Azevedo Filho, 1966, p. 58). Ou seja, o modo catequético de Anchieta é de cunho medieval, afinal seu contexto diante dos reformadores o forçava a manter a fé católica. Em toda literatura anchietana, está presente o pensamento da Idade Média, fazendo do jesuíta alguém que lutou constantemente pelos valores cristãos do medievo. Anchieta, pelo seu alto nível de educação e formação intelectual, é uma pessoa à frente do seu tempo, capaz de se utilizar da religião como uma forma de traduzir (Pompa, 2003) os símbolos cristãos para os símbolos tupis, buscando compreender a pessoa nativa, seu modo de vida, porém sem considerar seu valor cultural ou religioso. Então, a catequese tem também a dimensão social-cultural-político e religiosa ocidental⁸ para converter e salvar, conforme seu entendimento.

Naquele conflituoso período, a perda hegemônica da religião católica era sentida como um cataclisma a ser superado, ou seja, mais valia a difusão dos textos teológicos (suas cópias originais em língua brasilica) do que efetivamente sua edição concreta. O *Poema à Virgem* foi traduzido pela primeira vez por Simão de Vasconcelos, em 1663, para o latim, há exatos 110 anos após a chegada de José de Anchieta à América portuguesa; somente em 1940 é traduzido para o português, pelo padre jesuíta Armando Cardoso.

Apesar de ser um poema todo cristocêntrico, que narra desde a concepção de Maria até a ressurreição de Jesus, há momentos em que se percebe a Mãe maior que o Filho, dado ao esforço de Anchieta em mostrá-la como a única dotada de poderes para expulsar demônios. Mais do que isso, ao ler todo o poema, fica claro o quanto Anchieta enxergava, sentia e compreendia a Virgem de modo divino, quase deixando escapar sua di-

⁶ Para aprofundar, ler os dois volumes de Isabelle Anchieta (2019a, 2019b): *Bruxas e Tupinambás Canibais* – volume I; *Maria e Maria Madalena* – volume II. Para compreender as formas metodológicas de Anchieta, ler: Azevedo Filho (1966) e Konings (2001). Para perceber a influência do teatro, com a catequese marial, ler: Soriano (2022).

⁷ O poema à Virgem, de Jose de Anchieta, tem influência direta de Ovídio e de Virgílio.

⁸ Poder-se-ia tecer argumentos críticos, conjuntamente com os teóricos modernos, sobre a colonialidade do poder, do saber e do ser, mas não é a proposta deste artigo. Porém vale salientar que a superioridade europeia ou a supremacia da raça (branco hétero) e do conhecimento (saber) foram fatores externados com força na organização social e religiosa naquele tempo. Teóricos decoloniais trabalham esse tema.

mensão de deusa⁹. Está presente em seu poema uma mariologia dos dogmas, , os dois primeiros: da maternidade divina e a virgindade perpétua, e os outros dois que ainda não eram oficialmente proclamados: o da Imaculada Conceição e o da Assunção, sob o lampejo de uma proclamação de que a Virgem faz parte da Trindade¹⁰.

Mas, tu, à frente de todas, num doce êxtase de felicidades, és arrebatada para a recompensa ao trono da Trindade. O Pai onipotente estreita ao colo a Filha, engolfando-a no mar de sua luz. Dos dons celestes, tu recebestes mais que todos juntos: não há quem medir possa a tua glória (Anchieta, 2020, p. 287).

De acordo com o contexto do século XVI, a formação jesuítica e a influência que o pensamento medieval exercia sobre as relações é totalmente compreensível que se perceba nesses versos a linguagem dual e binária, modo inerente à construção sistemática do cristianismo que, influenciado pela filosofia clássica, se intensifica na Idade Média e é reafirmado no início da Idade Moderna. Ou seja, numa sociedade patriarcal, a linguagem hierarquizada dual e binária é, de certa forma, esperada; logo, expressas na literatura jesuítica. Por outro lado, no *Poema à Virgem*, a força conferida a Mãe de Jesus e Mãe de Deus escapa e se derrama em versos, revelando a ligação maternal da Mãe e do Filho, a ponto de reconhecer a grandeza Dela; por isso, afirma sua infinita glória e poder junto de Deus, com seu Filho.

Para expressar essa grandeza, Anchieta utiliza as imagens do Apocalipse, linguagem que explora as representações das forças universais (Paredes, 2011, p. 161) que são: Terra, Céu, Lua, Sol e Estrelas. Constantemente, faz alusão à Virgem com esses astros, sugerindo uma divindade para

além da compreensão humana (divina): a Grande Mãe que rege os elementos da Terra e do Céu, do Feminino e do Masculino, da Lua e do Sol. Tudo está presente nessa mulher apocalíptica, a única capaz de eliminar o dragão de sete cabeças, varrendo da Terra o mal do mundo. Anchieta (2020, p. 27, 38 e 41) assim declara:

Ó formosura sem par, nimbada pelo brilho das virtudes, poderas ofuscar toda a beleza angélica! [...] Contempla! Ei-la que nasce essa menina de beleza encantadora, cujo olhar o mundo em trevas afundado. [...] Salve, ó Maria! Adorna-te beleza tão divina, em teu esplendor sobrepuja a dos coros angélicos. Salve, ó Maria! Teu humano semblante é tão nobre que sua formosura vence todas as belezas terrenas.

Toda essa formosura e beleza viriam da sua virtude virginal, podendo-se ler: do seu estado de espírito. Sob esse aspecto, Anchieta enche o seu poema, argumentando que essa virtuosa força vem do seu estado virginal¹¹ (sentido literal do termo). Usa essa virtude de modo exaustivo no poema, criando inúmeras imagens para a virgindade, a ponto de classificá-la como o "verdadeiro sacrário", a "cesta de junco". Eis que fala, constantemente, da face bela e da sua formosura, buscando transparecer que toda sua beleza é consagrada e que vive em estado de graça permanente. A mais pura das criaturas, de uma beleza sem igual, que deve ser contemplada. Essa orientação à contemplação aparece no teatro¹² anchietano, ressaltando que se deva olhar para sua face ruborosa, bela, formosa, sugerindo que se deva espelhar (imitar) na beleza da Virgem ou que se busque essa "beleza". Fica claro que, ao jesuíta, a Imaculada Conceição é uma espécie de ressoar do seu próprio modo de viver a vida de irmão jesuíta, de viver a sua própria vida numa

⁹ "Se a fé não me dissesse que ela é uma criatura, eu a adoraria como a uma deusa" (Anchieta, 2020, p. 276, nota de rodapé 13). Essa percepção se fundamenta quando se aprofunda as deusas do tempo antigo e as imagens semelhantes que a Virgem traz consigo. Faz perceber o símbolo da Grande Mãe ou da Deusa Mãe, como fonte primordial da criação. Para aprofundar esse assunto, deve-se ler: Christa Mulack (2006).

¹⁰ Azevedo Filho (1966, p. 116) vai interpretar o poema dizendo que: "daquele, cujo pai é Deus, és mãe, e de dignidade tal, que a Trindade és vivo templo".

¹¹ Alguns teólogos e teólogas feministas, na contemporaneidade, já articulam e defendem uma virgindade no âmbito antropológico, ou seja, a virgindade seria a plena manifestação da maturidade humana, de estar centrada em si mesma, não corrompida; uma jovem que não se corromper por qualquer outro projeto ou pessoa ou não submetida ao sexo masculino (sem a participação de José); uma mulher capaz de gerar em si, os princípios do reino, ser ela mesma a prática do reino, deixando seu sim às realidades experimentadas na vida cotidiana. Para aprofundar, ler: Grün (2009, p. 63), Boff (2006, p. 481), Murad (2012, p. 157-158) e Mulack (2006, p. 186).

¹² Especialmente no *Auto da Assunção*, quando a imagem da Virgem é entronizada na aldeia, há uma fala do anjo que pede para que todos a contemplem (Anchieta, 1977).

entrega total ao seu Senhor, de corpo e alma, afirmando que estaria aí a verdadeira beleza de um cristão¹³.

No momento da construção do poema, no tempo em que foi escrito/elaborado, Anchieta vivia a fase mais ameaçadora de sua vida, estava cativo dos Tamoios, o que o fazia sentir a morte lhe rondar, de um medo em cair em tentação, ou seja, de perder essa entrega total (virginal) aos planos do seu Senhor, sensação essa que, certamente, teria emprestado ao poema, a ponto de dividir com a Mãe os seus limites, transbordando seu infinito amor e confiança nela.

A importância do *Poema à Virgem*, sob o aspecto da catequese e da sua forte influência junto aos povos nativos, é válida na medida em que sabemos que cópias circularam entre os missionários jesuítas¹⁴, sendo assim o precursor da forte devoção à Virgem que se desenvolveu ao longo dos séculos no Brasil: poema e teatro anchietanos formam o tecido marial catequético necessário para difundir o amor à Virgem e a fé no seu Filho.

As mulheres tupinambá: a tensão entre a cultura e a demonização

No tópico anterior, falamos um pouco sobre determinados elementos da literatura anchietana. Para um possível cenário de diálogo entre a Virgem e a mulher tupinambá, é preciso elencar alguns aspectos. Aqui, aparecerão duas imagens do feminino, a da mulher tupinambá e a da mulher virgem, branca, da Mãe de Deus que chega com os europeus (sobre)carregada de símbolos e poderes. Obviamente, não será possível esgotar as representações dessas mulheres, especialmente sobre a Mãe de Jesus (discussão sistemática dos dogmas ou devoções), nem é a proposta neste momento. Iremos observar apenas os ritos e as práticas das mulheres tupinambá e da Maria Tupansy¹⁵, presentes no século XVI, a partir das

poucas informações históricas que existem, com certa ênfase da personagem principal da peça o *Auto da Assunção*.

De acordo com Fernandes (2016, p. 85), as mulheres tupinambá exerciam um papel fundamental no mundo da aldeia, como a manipulação de sementes e alimentos, criação de cerâmicas e organização do rito antropofágico. Os historiadores, os cronistas e as cartas jesuítas preservaram a narrativa desses costumes conforme o que mais lhes pareciam controverso, se comparados às suas próprias culturas; ou seja, costumes que interpretavam como imorais e pecaminosos. Como já dito acima, o pior deles tratava-se do rito antropofágico, cerimônia (que durava cerca de quatro dias) na qual as mulheres eram protagonistas, antes e durante os dias desse ritual (Anchieta, 2019a, p. 127-151). Aliás, o trabalho delas começava bem antes, pois, como excelentes ceramistas, confeccionavam as próprias cerâmicas que seriam utilizadas. O trabalho com a cerâmica iniciava com a vasilha que se preparava o cauim, bebida responsável por manter o espírito do guerreiro pronto para vitimar o cativo, por meio de um golpe fatal. Já a maneira de o europeu enxergar "a índia, mesmo a prisioneira, associa-se à marginalidade, como se esta fosse uma característica intrínseca às mulheres, sendo elas recorrentemente as algozes, nunca as vítimas" (Anchieta, 2019a, p. 145). Já "os homens são justificados pela vingança ritual: são antropófagos. Elas, ao contrário, comem diabolicamente: canibais" (Anchieta, 2019a, p. 150).

As mulheres preparavam tudo, assumiam também o papel de guerreiras, uma vez que a pintura do seu corpo era igual ao instrumento que levaria a vítima à morte. Danças e bebidas embalavam os dias e as noites dessa cerimônia na tenda levantada para tal finalidade. Elas vigiavam o capturado, eram encarregadas de persuadi-lo, de encenar os golpes e de se insinuar para ele,

¹³ Isso não quer dizer uma vaidade de José de Anchieta, mas um exemplo que todo cristão deve se esforçar para seguir.

¹⁴ Navarro (2004, p. XXV) diz: "circulou em cópias manuscritas por muitas partes do país, até ser publicado muito mais tarde, em 1650, bem depois de sua morte". Ou seja, toda teologia marial (mariologia) foi difundida em todas as partes do Brasil.

¹⁵ Uma religião como tradução obrigou o catequista José de Anchieta a sempre estar na posição de encontrar símbolos ou imagens que se correlacionassem com os símbolos ou imagens cristãs. Ao Deus cristão escolheu a divindade tupi, Tupã, e a Maria, a Mãe de Deus, não tendo encontrado uma divindade indígena correspondente, chamou-a de Maria Tupansy. Esse termo aparece nos textos anchietanos todas as vezes que vai falar de Maria, a mãe de Jesus.

tudo com o objetivo de testá-lo, de insultá-lo, a fim de averiguar o tamanho de sua valentia (de aumentar seu suplício). Por outro lado, significava ao prisioneiro *status* de honra ter sido capturado para tal ritual de vingança, colocando-o no papel de valente guerreiro, configurando um ato de bravura a todos da sua aldeia, posição igualmente conferida ao que lhe tiraria a vida. Se quisesse se esquivar de tamanho destino, fugir dessa situação, seria uma desonra ao seu povo (aldeia) ou à sua família.

Depois de deferido sobre ele o golpe fatal (por um homem da tribo), as mulheres mais uma vez assumiam o papel: o de preparar o corpo que agora seria picado em partes e conduzido ao moquéim (grelha para assar). Depois de assado, as partes eram por elas distribuídas para todos da aldeia. Todo esse ritual se fazia na presença de convidados das aldeias vizinhas, a fim de que testemunhassem a prática da vingança¹⁶. Esse costume organizava e regulava o poder dos homens (entre as tribos), o poder das famílias nativas, das nações de povos existentes na América portuguesa (dos brasis). Vingar algo por alguém da sua família (povo) consagrava a força política e social daquela aldeia, em relação às demais próximas a seu território¹⁷.

Um outro costume que marcava a força de um homem era o casamento poligâmico (Fernandes, 2016, p. 104). O matrimônio tupi conferia ao homem poder, pois o número de mulheres e os tra-

balhos que elas exerciam o favoreceria diante de outro homem, consagrando-o poderoso. A mulher tupinambá, ao deter a organização, a produção e a reprodução do mundo aldeia, permitia que toda aldeia prosperasse (Fernandes, 2016, p. 36-37). O sistema político-social-cultural e religioso, nesse sentido, girava em torno da vingança (rito antropofágico) e do casamento poligâmico¹⁸, ambos com papéis importantes das mulheres, desde as mais jovens até as mais velhas.

Nesses dois grandes costumes, a mulher também alcançava seu *status* de poder, logo, ocupava uma posição hierárquica. Por exemplo, à mulher velha cabia a maior parte da organização e coordenação do modo ou da cultura tupi, cujo ápice era o rito antropofágico (Fernandes, 2016, p. 200-209)¹⁹. No matrimônio poligâmico, a esposa mais velha, normalmente, ocupava uma posição de poder diante das mais novas, considerando que, se fosse a esposa do Principal, isso aumentava suas chances de autoridade.

A Virgem de Anchieta: a ferramenta de controle e colonização

Ao aprofundarmos o trabalho missionário jesuítico, conjuntamente com o sistema colonial europeu (colonização *versus* religião), nos deparamos com uma série de alterações da vida comunitária, a maior delas, os aldeamentos²⁰. Percebe-se que muitas coisas foram alteradas no mundo aldeia com a chegada dos europeus²¹,

¹⁶ "Os selvagens se guerreiam não para conquistar países e terras uns dos outros, porquanto sobejam terras para todos; não pretendem tampouco enriquecer-se com os despojos dos vencidos ou o resgate de prisioneiros. Nada disso os move. Confessam eles próprios serem impelidos por outro motivo: o de vingar pais e amigos presos e comidos no passado" (Anchieta, 2019a, p. 147).

¹⁷ O controle dos corpos está presente na quebra do rito antropofágico, não só para as mulheres, mas também para o fim da organização social-política que os povos estabeleciam entre si. Ou seja, a religião cristã desarticulou o modo de ser tupi.

¹⁸ "A poliginia podia beneficiar diretamente a esposa, na medida em que esta passava a exercer autoridade e controle sobre as esposas mais jovens. Assim, se é verdade que os homens ascendiam à posição de *principal* ao se cercarem de mulheres, também é verdade que suas primeiras esposas tinham bons motivos pessoais para auxiliá-los nesta empreitada, muito embora as coisas nem sempre ocorressem conforme seus desejos: por vezes, o marido reconhecia como esposa principal uma mulher mais jovem ou mais bonita" (Fernandes, 2016, p. 172).

¹⁹ Vale considerar que esse destaque é dado pelo olhar do homem europeu, ou seja, se a ameaça era o pecado/mal e este estaria na mulher, seria com essa lente que o homem branco interpretaria o papel da mulher, quer dizer, de modo negativo. Consultar também: Anchieta (2019a, p. 127 *et seq.*).

²⁰ Os aldeamentos ou reduções jesuíticas previam a junção de vários povos nativos em um mesmo local, ou seja, se misturavam várias nações de povos originários (uma aldeia continha várias outras), a fim de catequizá-los. Isso configurou uma mistura cultural, ao mesmo tempo que aniquilava práticas e costumes nativos, todavia reduzindo-os à cultura cristã europeia, o que gerou uma série de revoltas e fugas dos indígenas, rumo ao sertão do país, e levou a inúmeras mortes por doenças (uma vez que aumentou o contato confinado) e por guerras nas suas capturas.

²¹ Chegaram o céu e o inferno, as profissões, o bem e o mal, o demônio ou diabo, os sacramentos, porém os europeus também assimilaram a cultura nativa, tanto que Fernandes (2016, p. 34) vai dizer que: "o que ocorreu nos primeiros séculos, mais do que uma simples 'dizimação' das sociedades indígenas, foi um processo de *transculturação*, em que muitos europeus se 'indianizaram' a ponto de praticar a poliginia e a antropofagia, falar as línguas indígenas e interagir, nem sempre de forma violenta, com as sociedades encontradas no Novo Mundo".

a começar pelas reduções nos aldeamentos. Os povos originários perderam muito dos seus direitos autônomos, foram ultrajados em seus ritos e forçados a viverem de outro modo, implicando-lhes outros costumes, cultuando outro sistema "religioso". A religião verdadeira e única passa a ser o cristianismo, sob o argumento de que o modo de vida deles é demoníaco ou de idolatria pagã.

Nesse universo, José de Anchieta se vê imbuído de desenvolver o melhor método de evangelização para salvação das almas; por isso, seu esforço se voltou para os autos teatrais e no *diálogo da fé*²² (catequese formal difundida por Anchieta), além de outros textos já mencionados. Pode-se levantar inúmeras críticas contra seu modo de agir, porém, naquele contexto, havia o entendimento de uma urgência para a salvação; ao mesmo tempo, existia um projeto colonial exploratório, dominador, econômico que precisava dar certo. Os missionários entendiam que, sendo os povos nativos inferiores e sem religião, estavam salvando suas vidas e ainda cooperavam com a Coroa Portuguesa na busca por riquezas e no aumento territorial.

Na peça o *Auto da Assunção*, a estrutura anchietana é a mesma que em outras peças ou método catequéticos, ou seja, se dá por diálogos. De cunho educacional e teológico, os elementos cênicos estão presentes, assim como coreografias, musicais, expressões artísticas e narrativas. Anchieta percorre de Gênesis ao Apocalipse (como no poema), com dramaticidade, sempre situando o novo céu e a nova terra, separando o joio e o trigo, assim como o pecado e a graça, bem e mal (Soriano, 2020, p. 54-55). Nessa peça, há dois destaques importantes: o diálogo dos anjos e os diabos (o objetivo era mostrar o demônio nas práticas diárias dos nativos apontadas como pecaminosas) e a Virgem assumindo o lugar da mulher do Principal.

Ao assumir o papel da mulher tupinambá, como esposa do Principal, se altera o matriarca-

do tupi (há um tipo de substituição de modelo feminino) retirando o protagonismo na vida matrimonial (poligamia) e na organização política que ocorria no rito antropofágico. A mulher do Principal, assumida pela Virgem, muda completamente o papel da mulher tupinambá, seu lugar, sua função e sua atuação no mundo aldeia. Se a mulher tupinambá dominava a produção (cerâmica), a reprodução do trabalho (agricultura) e manipulava muito bem os alimentos, esse papel social muda de posição. O seu espírito de guerreira, a substituição do sistema de casamento pela uxorilocalidade²³ para o casamento cristão retira seus direitos, sua proteção familiar e, conseqüentemente, toda organização política, social e cultural da aldeia muda de lugar. Quando Anchieta introduz a Virgem no lugar da mulher do Principal, cria-se um espaço de

[...] deliberada e planejada "destruição" cultural, em que um processo que jamais atingiu um sucesso absoluto, mas que atingiu fortemente as mulheres. As medidas jesuíticas desmontavam uma série de costumes e instituições que constituíam o cerne da esfera feminina na sociedade Tupinambá. Assim, por exemplo, o fim das malocas e a introdução de casas ocupadas por famílias nucleares à moda cristã retirava das mulheres, em grande medida, a possibilidade de se manterem unidas aos seus grupos de parentas, importante ponto de apoio econômico e político (Fernandes, 2016, p. 327)

Na esfera tupi, é a mulher que estava associada à cultura e à sociedade. A transformação, a criação, na cultura tupi, era prevalentemente do feminino e não o homem. No entanto, para o europeu, a mulher tupinambá é ainda mais inferiorizada que o homem tupinambá, mesmo constatando serem elas as que mais trabalhavam, que geravam a economia da aldeia, já que muito produziam e reproduziam.

Conclusão

A mariologia de José de Anchieta enaltece a Virgem e a explicita como a Mãe de Jesus e Deus. Afirmar que a sua maternidade é divina, ou

²² O *Diálogo da Fé* é uma tradução de Armando Cardoso, do catecismo anchietano (Anchieta, 1988).

²³ Significa que o homem vai morar na casa da noiva. Esse costume, "serviço da noiva", implicava um tipo de dívida à família da noiva que era pago, através de serviços ao sogro, ou seja, quantas mais filhas, mais genros trabalhariam ao sogro (para saldar essa dívida), mais forte e poderoso seria considerado diante de outros homens da aldeia. O matrimônio pela uxorilocalidade conferia *status* ao pai da noiva.

seja, que seu Filho é obra do Espírito Santo de Deus. Garante que a Mãe de Jesus é imaculada, eternamente virgem; por isso, é dona de tantas virtudes, poderes e honras. Assim é assunta ao céu de corpo e alma. Todas essas informações teológicas são a base do pensamento e da fé de José de Anchieta, sendo transferidas para seus textos sobre a Mãe de Jesus. Ao consagrá-la como o único caminho para se libertarem do mal, gera-se uma complexidade no modo de vida dos povos com os quais se relacionavam.

O Brasil de 1500, em perspectiva de gênero, nasce controlado pelo exemplo da Virgem de Nazaré. Obviamente, é imaturo ou irresponsável atribuir um juízo de valor somente à catequese jesuíta, mas é fundamental observar que o patriarcado europeu define outros papéis aos homens e mulheres que aqui viviam. Falta-nos a proximidade empírica com o objeto em questão, uma vez que estamos bastante distantes daquele tempo (antes da intrusão europeia). Porém, as fontes oferecem uma margem segura para insistirmos que o controle dos corpos, sobretudo do feminino, suprimiu o desenvolvimento das mulheres tupis.

Mesmo que aquilo que hoje temos seja fruto da fala do colonizador, ainda assim é possível observar outros trabalhos ao longo desses séculos que nos permitem reconhecer as intenções econômicas, religiosas, culturais, sobrecarregadas de visões androcêntricas e injustas nas relações de gênero. É a fala do dominador patriarcal europeu que se vê superior e, assim, vê o outro(a) de modo inferior, diminuindo seu papel na sociedade local. Mesmo que se perceba que a religião cristã fez da catequese um modo possível ou real de tradução de símbolos míticos, religiosos, ainda assim agiram conforme seus interesses e objetivos; sendo que estes se traduziram em explorar, dominar, controlar, escravizar e submeter.

Na prática, o homem branco subverte o homem indígena e altera a organização e representação social das mulheres indígenas. Atribui a elas o mal do Novo Mundo, as acusa de serem corpos afeiçoados à manifestação do demônio, por isso devem ser contidas, proibidas e

perseguidas. A Inquisição que por aqui passou guarda, em seus arquivos, esses fatos, inclusive são mencionadas as mulheres brancas, também acusadas de feitiçarias, de realizarem práticas mágicas, demoníacas.

Para lidar com tanta maldade no Novo Mundo, a mariologia de Anchieta apresenta a Virgem como uma mulher poderosa, guerreira e virtuosa, como aquela capaz de desmanchar o maior obstáculo que encontram nas nações dos brasis, o demônio; sendo, conseqüentemente, capaz de eliminar muitos dragões presentes naquele contexto. Relevante modo de agir não se desdobra nos séculos seguintes. A Virgem seguiu sendo controlada, assim como todas as mulheres. A cultura ocidental europeia inaugura advento da Idade Moderna e da exacerbação do patriarcado. A mariologia da Virgem no mais alto dos céus não tem força suficiente para derrubar dos tronos os poderosos. A Virgem segue a poderosa dos pobres dessa terra. Esse distanciamento histórico (religioso cristão) contínuo entre os sexos facilita e preserva as disparidades de gênero, uma vez que a Virgem é cotidianamente introduzida ao papel principal da obediência e do serviço.

A mariologia de Anchieta trazia em si uma certa subversão do feminino, da Grande Mãe oculta na Virgem; porém, no desenvolvimento da sociedade moderna, com o avanço do capitalismo e do clericalismo, o potente poema de Anchieta teve alguns detalhes importantes esquecidos. Sua catequese deu origem às inúmeras devoções marianas ao povo brasileiro católico. Toda fé está depositada na Mãe, só ela é cheia de graça, intercessora e mediadora. É a partir da Mãe que os filhos e as filhas acreditam que serão atendidos.

Apesar de não existir a imagem de uma Virgem indígena, transfigurada por seu papel de mulher nativa, complementar e participante das práticas de administração e organização política-econômica-cultural, uma releitura do *Poema à Virgem*, em diálogo com a dimensão arquetípica da Grande Mãe, pode renovar as relações entre os sexos dentro e fora da instituição religiosa. A Mãe de Deus e do povo cristão tem sido submersa e seus dogmas (androcêntricos) contribuem para

uma perpetuação do domínio masculino sobre o feminino. As forças virginais de Maria devem revelar o chamado da Mulher apocalíptica (tempo futuro-presente²⁴) que, em tempos modernos, deve enfrentar muitos dragões que querem afo-gá-la. Que se ouça mais as teólogas feministas, a fim de que se possa enxergar elementos da divina Virgem Maria, que está em equidade ao seu divino Filho.

Referências

ANCHIETA, Isabelle. *Imagens da Mulher no Ocidente Moderno 1: Bruxas e Tupinambás Canibais*. São Paulo: EDUSP, 2019a.

ANCHIETA, Isabelle. *Imagens da Mulher no Ocidente Moderno 2: Maria e Maria Madalena*. São Paulo: EDUSP, 2019b. p. 1-103.

ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta*. Tradução e notas de Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1977.

ANCHIETA, José de. *Diálogo da Fé*. Tradução e notas de Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1988.

ANCHIETA, São José de. *Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe de Deus*. Aparecida: Santuário, 2020.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1966.

BOFF, Clodovis. *Mariologia Social*. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERNANDES, João Azevedo. *De cunhã a mameluca: a mulher tupinambá e o nascimento do Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2016.

GRÜN, Anselm; REITZ, Petra. *Festas de Maria: um diálogo evangélico-católico*. Aparecida: Santuário, 2009.

JECUPÉ, Kaká Werá. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KONINGS, Johan (org.). *Anchieta e Vieira: paradigmas da evangelização no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 7-95.

MULACK, Christa. *La diosa secreta en el cristianismo*. Tradução de Manolo Laguillo. Ellago: Castellón, 2006.

MURAD, Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

NAVARRO, Eduardo de A. *Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi José de Anchieta*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PAREDES, José Cristo Rey García. *Mariologia*. Síntese bíblica, histórica e sistemática. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.

SORIANO, Felipe de Assunção. *A apresentação de Maria (a Tupansy) aos índios do Brasil: o auto da Assunção como instrumento catequético em José de Anchieta no final do século XVI*. 2020. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1269>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SORIANO, Felipe de Assunção. *Maria Tupansy: o Auto da Assunção de São José de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 2022.

Perla Cabral Duarte Doneda

Doutoranda e mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Endereço para correspondência

PERLA CABRAL DUARTE DONEDA

Universidade Metodista de São Paulo

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Rua Alfeu Taváres, 149

Rudge Ramos, 09641-000

São Bernardo do Campo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.

²⁴ O livro do Apocalipse é compreendido como instruções de um momento/tempo futuro, de algo que está por vir. Esse tempo não é o passado, esse já foi, logo, nos resta esperar o momento do amanhã. Essa Mulher pode se manifestar a qualquer momento, ou seja, num futuro que será experimentado como presente, que pode ser exatamente hoje. Como teóloga feminista, vale esperar que seja esse o tempo oportuno.